

O CORPO AO SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE, ATRAVÉS DOS PAPÉIS OCUPACIONAIS

Mafalda Correia ¹

*Mãos de artista,
olhos de explorador,
pés de futebolista,
voz de cantor*

Falar de identidade implica falar de *quem sou* e quem sou nasce nas experiências que tenho. Essas experiências para os terapeutas ocupacionais estão alicerçadas nas Ocupações.

A Ocupação é definida como a interação das caraterísticas do indivíduo (volição, habituação e capacidade de desempenho) com o ambiente que a rodeia, como se indica no Quadro de Ocupação.

Quadro de Ocupação		
Volição	Habituação	Capacidade de Desempenho
Motivação de um indivíduo para realizar determinada ocupação, sendo um padrão de pensamentos e sentimentos que este tem acerca de si e do mundo que o rodeia	Processo pelo qual os indivíduos realizam as suas ações e rotinas	Capacidade que o indivíduo tem de fazer coisas

A identidade ocupacional, nasce diretamente do verbo ‘*to be*’ – e é na infância que emerge, vai-se refinando ao longo da vida e reflete as experiências do indivíduo. As experiências acumuladas irão ser matriz dos papéis ocupacionais. As vivências que nascem das escolhas ocupacionais, cada vez mais refinadas, fomentam a noção de competência-eficácia. Esta por sua vez intimamente ligada ao autoconceito e autoestima.

¹ Terapeuta Ocupacional.

Ao experimentar fazer coisas, os interesses, os valores e a causalidade pessoal da criança emergem. Sabemos que a maioria dos hábitos da criança são influenciados pelas rotinas familiares, pela escola e outros cenários ocupacionais. Sabemos também que ao brincar, a criança experimenta-se, ganha experiência, transforma-se... por isso a primeira profissão de todas as crianças, brincador!

Ao interagir com o meio, é expectável que a criança aumente o desejo e a capacidade de procurar novas experiências, que serão a base da sua maestria em ser criança. As crianças estão configuradas para usufruir de atividades que as desafiam a experimentar novas sensações e desenvolver novas competências psicomotoras, pessoais, sociais...

A brincadeira é usada para desenvolver os tijolos que irão alicerçar atividades cada vez mais complexas e maduras. O desenvolvimento das competências da criança, está intimamente ligado à capacidade inata de se divertir nas tarefas que escolhe. Essa diversão, é aos olhos do terapeuta ocupacional, equivalente a integração sensorial.

Grande parte da capacidade de aprendizagem da criança, é a sua habilidade para integrar informação sensorial. Pode parecer que a criança está “só” a brincar, mas está a aprender a aprender. Cabe ao terapeuta graduar a atividade por forma a atingir o *just the right challenge*, com base nas escolhas da criança que são guiadas pelo seu ‘*inner drive*’.

Quando surgem dificuldades na autorregulação e tendo em conta os 4 A’s (alerta, ação, atenção e afeto) importa perceber o que falhou. As respostas adaptativas são a raiz de processos de integração sensorial mais complexos, que serão evidenciadas nas áreas motoras, cognitivas, de linguagem ou socio emocionais. A premissa base é que a criança ao envolver-se em atividades significativas e com propósito, terá maior capacidade de perceber como interagir com o ambiente (físico e social) e impulsionar o desenvolvimento. Desta forma, na desregulação teremos de analisar além da resposta da criança.

É importante reforçar que ao longo da primeira infância as escolhas volitivas das crianças, estão inerentemente ligadas ao mundo dos crescidos e que o ambiente da criança pode facilitar ou limitar a sua participação em ocupações do dia a dia. É impossível pensar a criança de forma isolada, mas é imprescindível ver além da sua realidade plural.

“mãe, pai... olhem o que consigo fazer... olhem para mim”... “olhem tive uma ideia...” tantas e tantas vezes que as crianças com o seu GPS infalível, nos orientam para as suas necessidades... e dessas tantas vezes, outras tantas são barradas pelas crenças, medos e agendas dos adultos.

As escolhas ocupacionais e a formação da identidade, são ponto de partida e de chegada para desenvolvimento de competências, aprendizagem; estão ligadas

a estados emocionais e à organização do comportamento no tempo e espaço. O dia normal de uma criança, deve permitir que ela seja um agente ativo no seu desenvolvimento, se experimente e se organize por forma a adaptar-se à exigência do meio. Desta forma, é importante estabelecer rotinas com equilíbrio ocupacional (produtividade, lazer, avd's...), permitir que a criança experimente vários papéis e que não seja substituída nas tarefas ajustadas à sua real competência.

Partilhamos, profissionais de saúde mental, a angústia de uma sociedade predominantemente frenética e cronologicamente antinatural. Os papéis da criança são sucessivamente esmagados pela agenda académica e familiar. É urgente olhar a infância com olhos de detetive e colocar na prática clínica as palavras, papeis, ocupações, corpo, ação como matriz da identidade.